

# ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 24 • 2018

VOLUME COMEMORATIVO DO XXX ANIVERSÁRIO  
DO CENTRO DE ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DO CONCELHO DE OEIRAS  
1988-2018



Editor Científico: João Luís Cardoso

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS  
2018

## **GÉNESE DO CONCEITO “CULTURA DO BRONZE DO SUDOESTE”**

### ***GENESIS OF THE CONCEPT OF THE BRONZE AGE CULTURE ON SOUTHWESTERN IBERIA***

Carlos Tavares da Silva\* & Joaquina Soares\*

#### **Abstract**

The authors analyses the process of the research on the Bronze Age in the south of Portugal, since the heroic phase of the precursors (final of the nineteenth century) represented by Sebastião P. M. Estácio da Veiga, António Santos Rocha and José Leite de Vasconcelos; in the middle of the XX century, phase of increasing field-archaeology carried out by a group of archaeologists related with Abel Viana, an expansion of the culture of El Argar was proposed reaching the southwest of the Iberian Peninsula. Based on the excavation of the necropolis of Atalaia and on the re-elaboration of accumulated information, a new paradigm emerges, that considers the Bronze Age of southern Portugal an individualized and independent entity. Although, some influence from the culture of El Argar had been recognized, its origin was rooted in the regional late Chalcolithic. The most complete formulation of the concept of the Bronze Age culture of the Iberian Southwest, including the south of Portugal and the provinces of Huelva and Badajoz, is due to Hermanfrid Schubart (1975). Finally, the authors briefly allude to the current contributions to the knowledge on the Middle Bronze Age in the Iberian Southwest.

*Keywords:* Bronze Age Culture, Iberian Southwest, Middle Bronze Age, necropolis of Atalaia.

#### **NOTA PRÉVIA**

O presente texto procurará abordar de modo sucinto o processo de aquisição de conhecimentos que iniciado com Estácio da Veiga, Santos Rocha e Leite de Vasconcelos, no último quartel do século XIX, irá culminar na emergência do conceito de “Cultura do Bronze do Sudoeste”, no 3.º quartel do século seguinte. Este paradigma mostrou-se operativo e foi consensualmente seguido até à década de oitenta. O crescimento do registo empírico e novas perspectivas teóricas, sobretudo processualistas e materialistas históricas, criaram anomalias responsáveis pelo seu declínio. Esta trajectória descendente não será discutida com a profundidade que merece no presente artigo.

O nosso objecto de análise corresponde ao que actualmente se considera a fase média ou plena da Idade do Bronze do Sudoeste Peninsular, cronologicamente balizada entre cerca de 2000-1900 e 1200 BC.

---

\* Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal / AMRS e UNIARQ / Universidade de Lisboa.

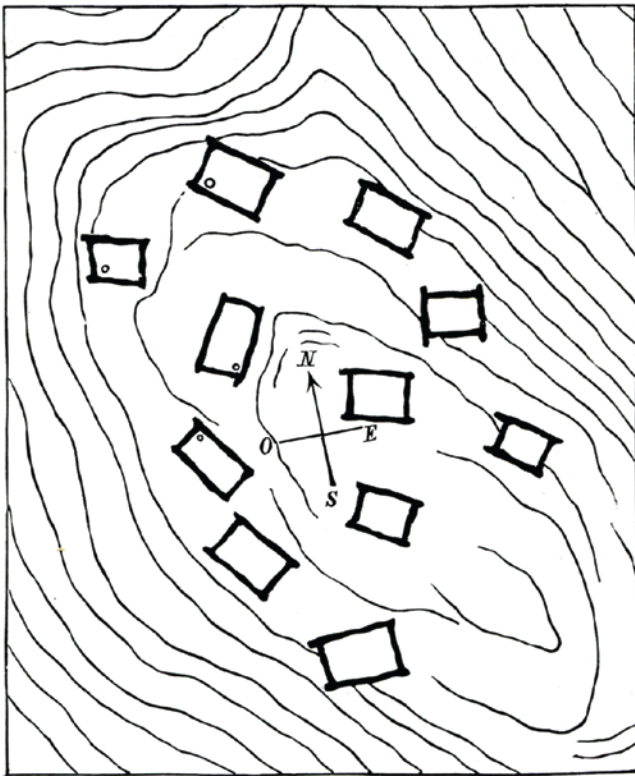


Fig. 1 - Planta da necrópole de Córte do Guadiana (Castro Marim), segundo Estácio da Veiga (1891, Est. XIV).

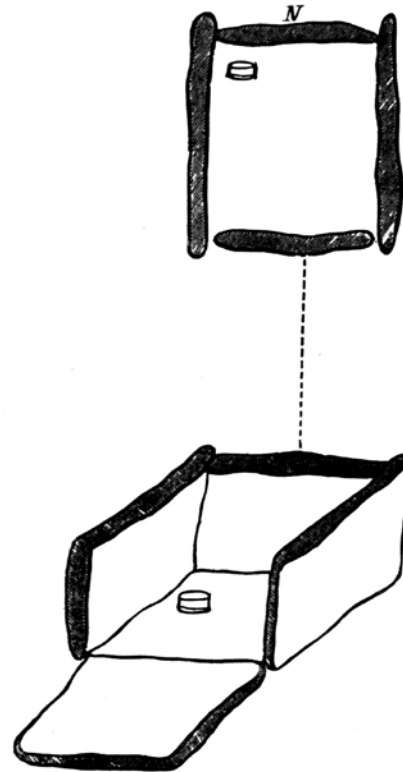


Fig. 2 - Sepultura de tipo cista de Bias (Olhão), segundo Estácio da Veiga (1891, Est. XI).

## 1 - PRECURSORES

Os testemunhos do que viria a ser designado por “Bronze do Sudoeste”, a fase média ou plena da Idade do Bronze do Sudoeste Peninsular, foram apresentados de forma aprofundada e sistemática, pela primeira vez, por Estácio da Veiga, em 1891, no volume IV das *Antiguidades Monumentais do Algarve*.<sup>1</sup> Aí, esse pioneiro da Arqueologia portuguesa publicou os resultados da identificação e, por vezes, escavação (Figs. 1 e 2) de numerosas necrópoles de cistas (Bias, Alcaria do Pocinho, Serra da Eira da Estrada, Corte do Guadiana, Serra dos Corveiros). H. Schubart (1974 a, p. 346) considerou justamente a obra de Estácio da Veiga como a base de partida para a sua investigação sobre esta fase da nossa Pré-história.

Porém, Estácio da Veiga restringia a escavação ao interior de cada sepultura. Os testemunhos integraram, segundo o mesmo autor, a Idade do Cobre. O Calcolítico, tão bem representado em Alcalar, correspondia, para ele, à transição entre o Neolítico e a Idade do Cobre. A Idade do Bronze coincidia com o que designamos actualmente por Bronze Final.

Assim, a Idade do Cobre (= “Bronze do Sudoeste”) era caracterizada pela presença de artefactos de cobre, em contextos desprovidos de “[...] *manufatura alguma de bronze ou ferro* [...]”; por pequenas

<sup>1</sup> Anteriormente a 1891 foram publicadas algumas referências a necrópoles de cistas da provincia de Huelva por Recaredo de Garay y Andraga, saídas no *Boletín de la Real Academia de La Historia* de 1870. Em 1886, em *Les Âges préhistoriques de l’Espagne et du Portugal*, Cartailhac aludia ao final da Idade do Cobre e à Idade do Bronze no Sudoeste Peninsular.

sepulturas de planta rectangular/quadrangular desalinhas e “[...] *sem orientação uniforme, construídas com lajes toscas, cujos topos laterais excedem um tanto o alinhamento transversal das cabeceiras*[...]”; por serem tais sepulturas, regra geral, agrupadas, “[...] *constituindo grandes ou pequenas necrópoles*.” (VEIGA, 1891, p. 59-60); o uso do ritual de exumação seria muito frequente.

Continuando a acompanhar Estácio da Veiga, o ritual mais comum seria, pois, o da exumação em sepulturas individuais. As reduzidas dimensões destas não permitiriam inumações “[...] *ainda mesmo dobrado que fosse o cadáver pelas articulações dos fêmures*.” (1891, p. 118); destinar-se-iam a receber “*reliquias de exumação*”. Assim, após consumidas as partes moles em um primeiro processo de inumação, seriam recolhidos os ossos e depositados em “*urnas*”, por sua vez colocadas em cistas (Fig. 3). O mesmo autor reconhece a prática de outros comportamentos rituais, ao encontrar sepulturas, como as de Alcaria do Pocinho, que conservavam ossos fora das “*urnas*”.

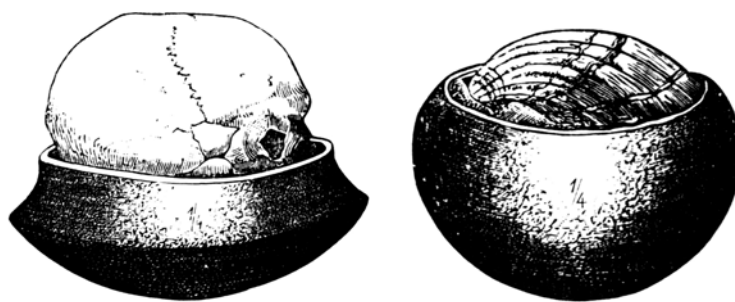
O carácter individual da sepultura foi claramente assinalado: “[...] *cada uma das sepulturas continha as relíquias humanas de um só indivíduo, conquanto em alguns aparecessem vestígios de dois crânios, como talvez significando um piedoso preceito de família*.” (VEIGA, 1891, p. 118).

Estácio da Veiga registou a observação de paralelos entre estes achados e os de El Argar, encontrados nas escavações dos irmãos Siret, cuja publicação em idioma francês (1888) permitiu a sua ampla divulgação.

Na esteira de Estácio da Veiga, António dos Santos Rocha, durante as expedições arqueológicas ao Algarve, escava e publica as necrópoles de Campina, no concelho de Faro (ROCHA, 1897), e da Baralha, em Portimão (ROCHA, 1904). Na primeira, em uma sepultura de tipo cista, observa a inumação dos esqueletos de três indivíduos sepultados em posição contraída, e atribui-os à “*Primeira Idade dos Metais*”.

Pela mesma época (finais do século XIX e inícios do século XX), José Leite de Vasconcelos optava pelo Baixo Alentejo para estudar a Idade do Bronze. Assim, procede a trabalhos de campo em Santa Vitória e Beringel, na região de Beja, e em Panóias (Ourique). Analisa minuciosamente espólios cerâmicos e metálicos e dá a conhecer “*tampas insculturadas*” com representações de armas (Fig. 4), que “[...] *cobriam evidentemente campas de guerreiros*.” (VASCONCELLOS, 1906, p. 188-189). Algumas destas presumíveis “*tampas*” encontravam-se no Museu de Beja, onde tinham sido depositadas após a sua descoberta fortuita, em 1868, em Santa Vitória e, em 1892, em Trigaches; outras, descobertas pelo próprio Leite de Vasconcelos em 1898, nas Alcarias (Mombeja), tinham sido (re)utilizadas como paredes e tampas de cistas. Como nota Mário Varela Gomes (2006, p. 51) as “*tampas*” noticiadas por Leite de Vasconcelos encontravam-se em contextos secundários e reutilizadas em sepulturas mais tardias como no caso da Defesa (Santiago do Cacém), servindo de cobertura a sepultura de época tardo-romana ou medieval.

Em 1908, Leite de Vasconcelos publica a escavação de duas sepulturas em Panóias (Ourique). São então reveladas, pela primeira vez, sepulturas (de tipo cista) integradas em recintos tumulares de planta rectangular delimitados por estruturas pétreas (Fig. 5).



**Fig. 3** – “*Urnas*” exumadas do interior de cistas das necrópoles de Alcaria do Pocinho, a primeira “[...] *contendo mui singularmente um crânio quase inteiro* [...]”, e a segunda, “[...] *fragmentos de crânio cobertos pela valva concava de uma vieira [Pecten maximus]*”, segundo Estácio da Veiga (1891, p. 119 e Est. XIII).

No que respeita ao ritual funerário, o mesmo investigador identifica os seguintes aspectos:

i) A cista é o “[...] *tipo sepulcral predominante.*” (VASCONCELLOS, 1897);

ii) A sepultura é individual (“[...] *cada túmulo recebe de ordinário as ossadas de um só esqueleto [...].*” – VASCONCELLOS, 1897);

iii) O cadáver era depositado em posição contraída “[...] *com as pernas encolhidas, como [Santos Rocha observou] na Campina.*” (VASCONCELLOS, 1908, p. 308).

Comparando os materiais encontrados no interior das sepulturas, bem como as representações de artefactos insculptados em “*tampas de cistas*” com a cultura material do Norte e Centro da Europa, conclui que chegaram a Portugal, vindos dessas regiões, “[...] *alguns dos bons produtos da civilização daquela época [Idade do Bronze].*” (1906, p. 188). Não deixa de ser interessante registar que para a cultura do Bronze argárico, Luis Siret propunha uma origem centro e norte europeia (povo europeu de filiação céltica) (SIRET, 1913), atribuindo-lhe a cronologia de 1200 a 800 a.C. (AA.VV., 1986).

A propósito da lápide insculptada da Defesa (Santiago do Cacém), publicada pela primeira vez por J. Leite de Vasconcelos (Fig. 6), este autor compara o ancoriforme a “[...] *uma espada da Idade do Bronze de Sarry-França.*” (1908, p. 301).

Para o período em apreço, passa a adoptar, definitivamente a partir de 1906, a designação de “*Época do Bronze*”.

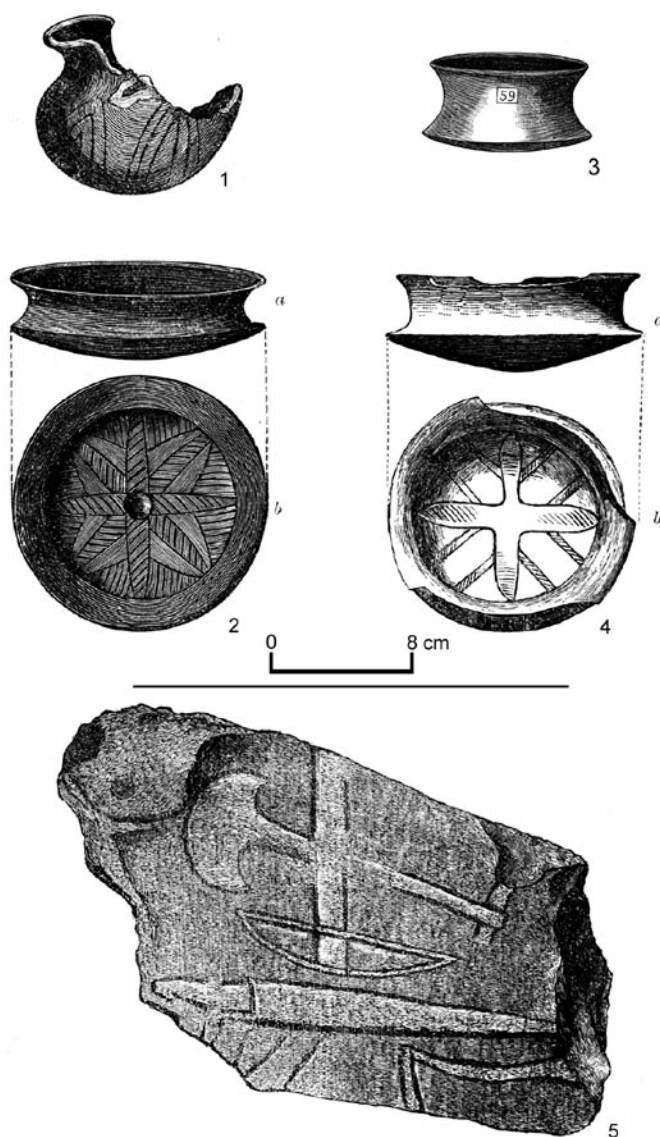


Fig. 4 - Recipientes cerâmicos (n.ºs 1-4) e lápide insculptada (n.º 5) provenientes da região de Beja e documentados por Leite de Vasconcelos (1906, Figs. 3-5).

## 2 - ABEL VIANA E O REINÍCIO DOS ESTUDOS SOBRE A IDADE DO BRONZE NO SUL DE PORTUGAL. O BRONZE DO SUL DE PORTUGAL COMO UMA EXTENSÃO DA CULTURA DE EL ARGAR

Durante cerca de 30 anos, entre início do século XX e a década de 1940 nota-se um enorme vazio no domínio da investigação sobre a Idade do Bronze do Sudoeste Peninsular. Em Portugal, Manuel Heleno (1933) publica uma curta nota sobre “*tampas sepulcrais insculptadas*”, dando a conhecer a estela de Abela (Santiago do

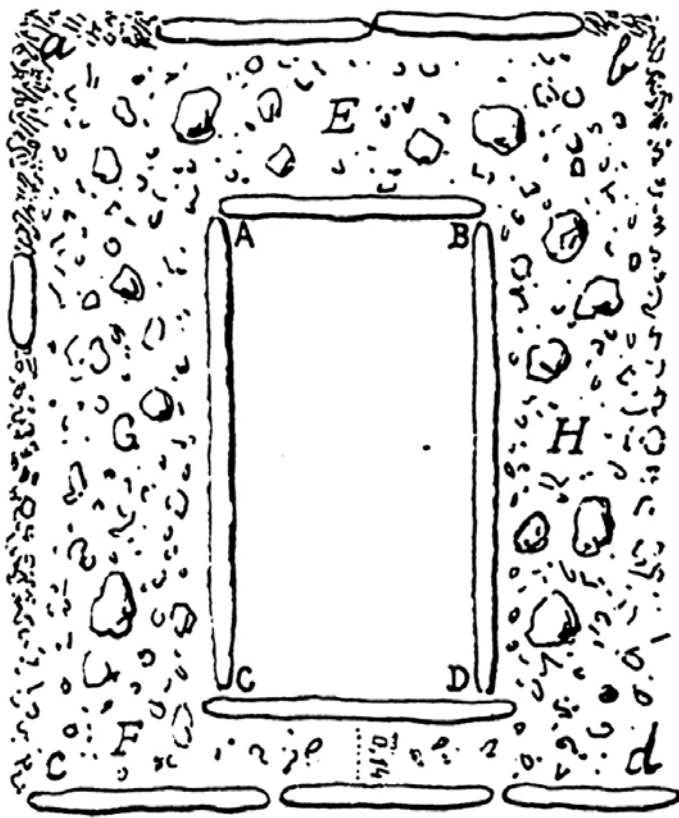


Fig. 5 - Sepultura de tipo cista integrada em recinto tumular de planta rectangular, escavada em Panóias (Ourique) por Leite de Vasconcelos (1908, Fig. 10).



Fig. 6 - Lápide insculturada da Defesa (Santiago do Cacém) publicada pela primeira vez por Leite de Vasconcelos (1908).

Cacém). Pedro Bosch Gimpera (1932), com base nos trabalhos publicados por Estácio da Veiga e Leite de Vasconcelos, considera os vestígios da Idade do Bronze do sul de Portugal o resultado da expansão da cultura de El Argar. Os trabalhos de Estácio da Veiga e José Leite de Vasconcelos são também citados, em 1924, por Déchelette, no volume II do seu *Manuel d'archéologie préhistorique, celtique et gallo-romaine* (p. 488 e 490).

Nos anos 40 do século XX, Abel Viana reinicia os estudos sobre as necrópoles de cistas do sul do país. Acompanhado por outros investigadores (Nunes Ribeiro, José Formosinho, Octávio da Veiga Ferreira, Afonso do Paço) procede a numerosas escavações, rapidamente publicadas. Tais contribuições irão confirmar e aprofundar as observações dos seus antecessores antecessores (Figs. 7-10).

A metodologia das intervenções de campo, talvez por falta de meios, continua a limitar-se à escavação do interior das sepulturas; as áreas envolventes, e as prováveis estruturas tumulares de enquadramento não são objecto do inquérito arqueológico.

Este conjunto de autores, ao longo de um período que termina na década de 1960, integram as manifestações da cultura material da Idade do Bronze do Alentejo e Algarve no “Bronze Argárico”. Aceitando a proposição de Pedro Bosh Gimpera, consideraram que a Cultura Argárica do Sudeste havia irradiado a sua influência por uma vasta envolvente, tendo atingido, nomeadamente, o Algarve e Alentejo. (PAÇO, RIBEIRO & FRANCO, 1965, p. 151). Deste modo, são comuns títulos de publicações como “Necrópoles argáricas de Santa Vitória” (1957) ou “Subsídios para o estudo da cultura argárica no Alentejo”, saído em 1965, data surpreendente, pois

trata-se do ano da publicação, por Nunes Ribeiro, do *Bronze Meridional Português*, e, por H. Schubart, do estudo monográfico da Atalaia, em português.

Reconhece-se, porém, que embora a sepultura de tipo cista seja “[...] *claramente de tipo argárico* [...]”, a cerâmica “[...] *não descende senão de padrões de El-Argar.*” (VIANA & RIBEIRO, 1956, p. 60).

No que respeita ao ritual funerário há alguns aspectos que são agora melhor caracterizados face ao aumento da base de dados empíricos:

i) O carácter individual da sepultura e a deposição do inumado em posição contraída são consensualmente aceites;

ii) A explicação para os enterramentos múltiplos a propósito de uma cista de Ulmo que continha quatro esqueletos de adultos recorreu a uma sequência temporal, na qual cada depósito funerário se distanciava do anterior pelo período necessário à decomposição das partes moles de cada corpo (VIANA & RIBEIRO, 1956, p. 53). De forma implícita, esta proposta pressupõe a existência de um qualquer

vínculo entre os indivíduos sequencialmente tumulados, muito provavelmente de carácter familiar, como já anteriormente havia sido sugerido por Estácio da Veiga (1891, p. 118);

iii) A cista era, por vezes, utilizada como “ossário”. – Na escavação da necrópole de Alcaria (Monchique), surgiu uma cista contendo ossos humanos sem qualquer conexão anatómica, em que os ossos longos ocupavam o centro da sepultura e um crânio havia sido colocado separadamente no interior de pequeno compartimento construído em um dos cantos do topo norte da cista (Figs. 7 e 10). Trata-se de “[...] *caixa rectangular, inclusa na cista, formada por duas pequenas lajes postas à maneira de anteparo. Verifica-se, portanto, estarmos em presença de um ossário.*” (FORMOSINHO, FERREIRA & VIANA, 1953, p. 130).

Em suma, o ritual funerário de inumação individual, denominador comum a este período no sul de Portugal, desdobra-se em um muito diverso conjunto de práticas funerárias.

Até meados do século XX, as questões colocadas face aos vestígios arqueológicos relacionam-se com a origem, a periodização e as nomenclaturas.

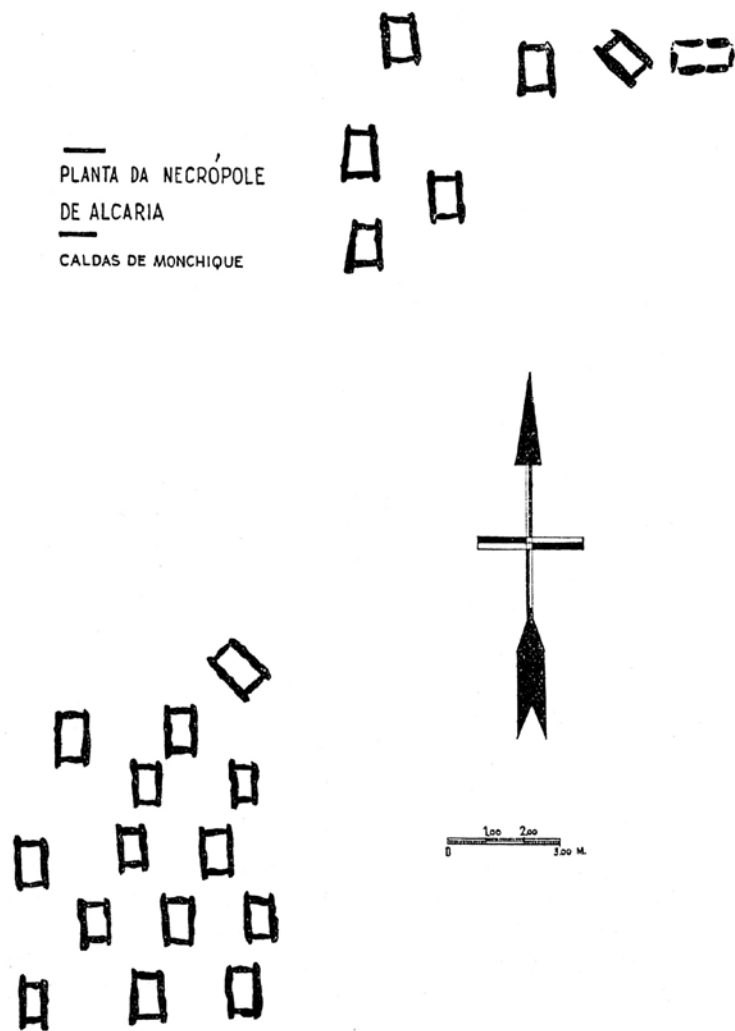


Fig. 7 – Planta da necrópole de Alcaria, escavada por José Formosinho, Octávio da Veiga Ferreira e Abel Viana nas Caldas de Monchique (FORMOSINHO, FERREIRA & VIANA, 1953, Fig. 44).

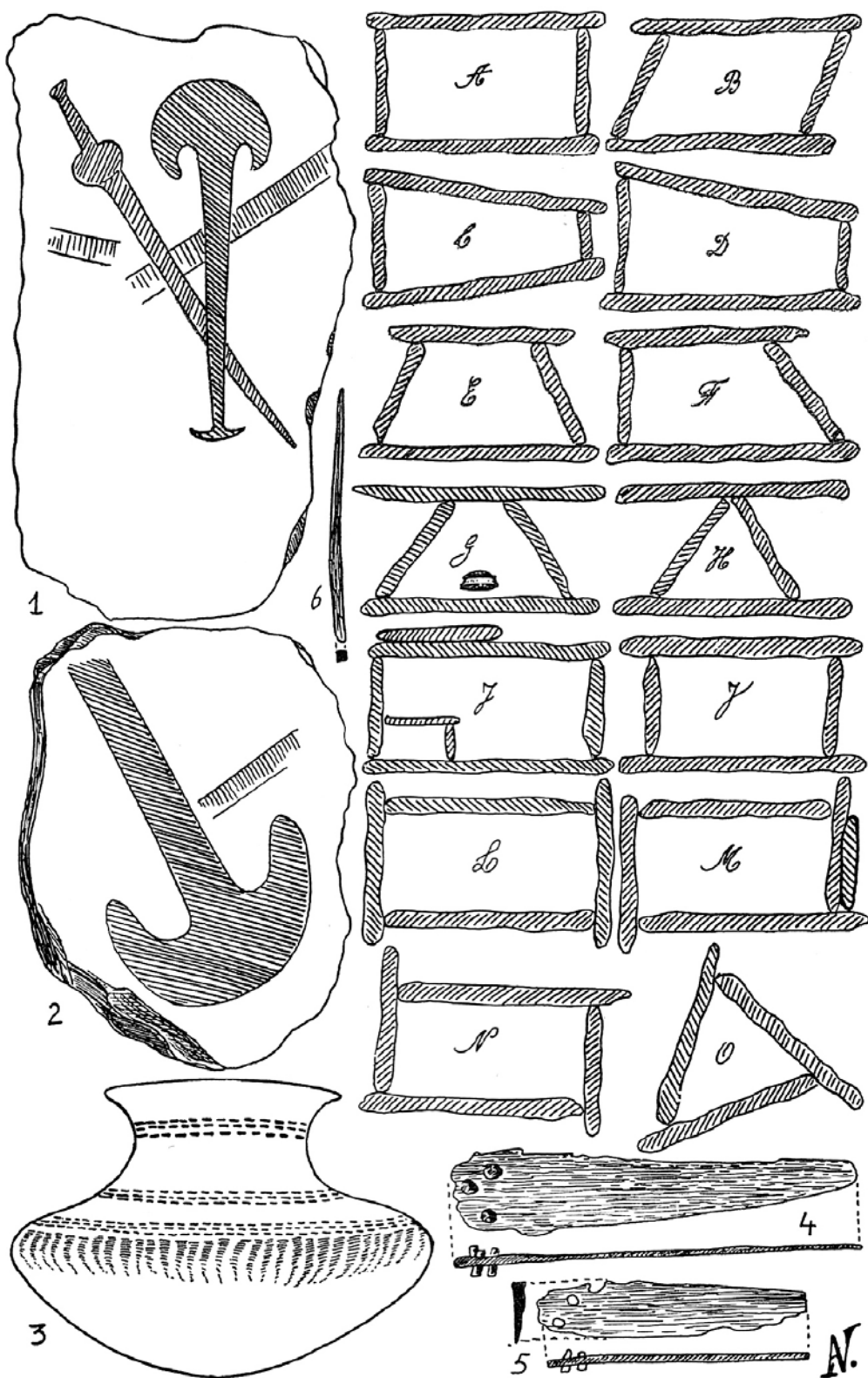


Fig. 8 - Estelas insculturadas, recipiente cerâmico, punhais e punção de cobre e sepulturas de tipo cista do Bronze pleno alentejano, segundo Abel Viana e Nunes Ribeiro (1956, Fig. 75).



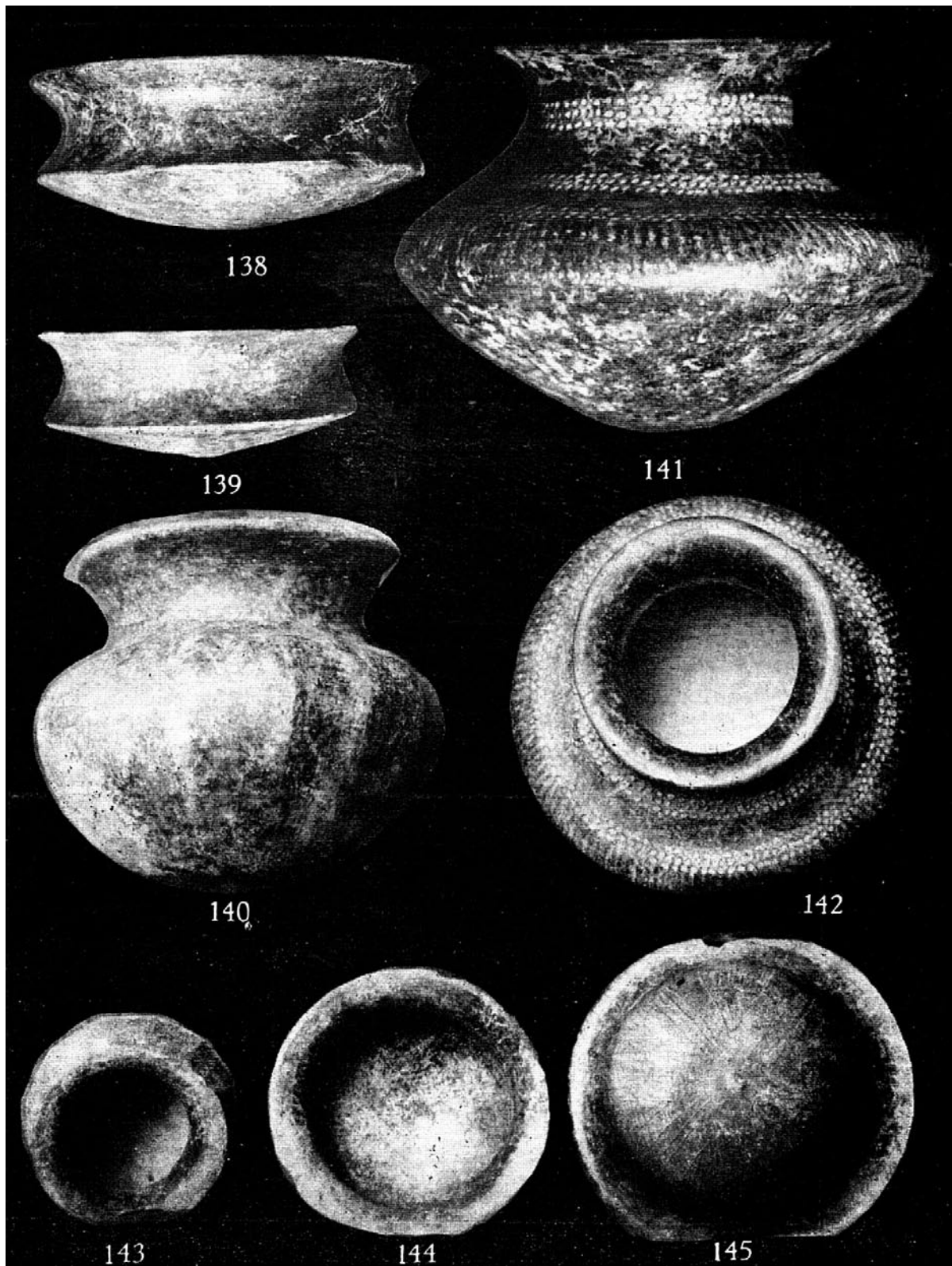


Fig. 9 - Recipientes provenientes de necrópoles de cistas de Santa Vitória e Odivelas (?) fotografados por Abel Viana e Nunes Ribeiro (1956) e considerados por estes autores como "vasos de tipo argárico".

### 3 - NECRÓPOLE DE ATALAIA

Em 1959, Abel Viana descobre e inicia escavações na necrópole da Idade do Bronze de Atalaia (Ourique). Estes trabalhos prolongam-se pelo ano seguinte; incidem sobre os monumentos 2, 7 e 8 (respectivamente I, II e III de Schubart); são efectuados em área, pondo a descoberto numerosas sepulturas (cistas e fossas) integradas em recintos tumulares de planta circular que confinam entre si e se desenvolvem a partir de um *tumulus* central.

A planta dos *tumuli* induz Abel Viana a situá-la na tradição dos monumentos de falsa cúpula do “Eneolítico” regional (VIANA, 1959, p. 94-96); atribui as necrópoles de Atalaia e Monchique a fase mais antiga que as de Santa Vitória, estando estas últimas, segundo o mesmo autor, provavelmente na transição para a Idade do Ferro (VIANA, 1959, p. 36, nota 9).

Em 1962, A. Viana convida H. Schubart a prosseguir as escavações na Atalaia (ver CARDOSO, 2001-2002, p. 559-575; CARDOSO, 2008, p. 539; SCHUBART, 2008, p. 144).

Durante este ano inicia-se nova campanha, que se prolongará por 1963, agora sob a direcção de Hermanfrid Schubart, mas com o apoio logístico de Abel Viana.

No total, foram escavados, exaustivamente registados e publicados sete monumentos que integravam 100 *tumuli* e 151 sepulturas.

Schubart data Atalaia da Idade do Bronze. A data radiocarbónica obtida para o enterramento 7 do monumento IV:  $790 \pm 120$  (KN-201), viria a ser corrigida (SCHUBART, 1975, p. 170): KN-1201,  $2770 \pm 50$  BP (990-850 cal BC,  $1\sigma$ ) apoiando, de alguma forma, a cronologia proposta. Os inícios da necrópole remontariam a meados do segundo milénio a.C.; estaria, como A. Viana já havia defendido, na tradição de monumentos funerários “eneolíticos”: “[...] os muros que delimitam os recintos tumulares lembram a construção das tholoi alentejanas precedentes.” (SCHUBART, 1965, p. 86). O seu final seria anterior a 800 a.C., pois estavam ausentes materiais atribuíveis à fase mais tardia da Idade do Bronze ou aos inícios da Idade do Ferro (SCHUBART, 1965, p. 84). Este autor ensaia uma tentativa de “estratigrafia horizontal”, utilizando as sequências construtivas das estruturas tumulares. Deste modo, chegou à cronologia relativa de algumas formas cerâmicas.

A escavação em área da necrópole de Atalaia inaugura um novo capítulo na história da investigação sobre a Idade do Bronze do Sudoeste Peninsular, pois, ao permitir o conhecimento das arquitecturas de

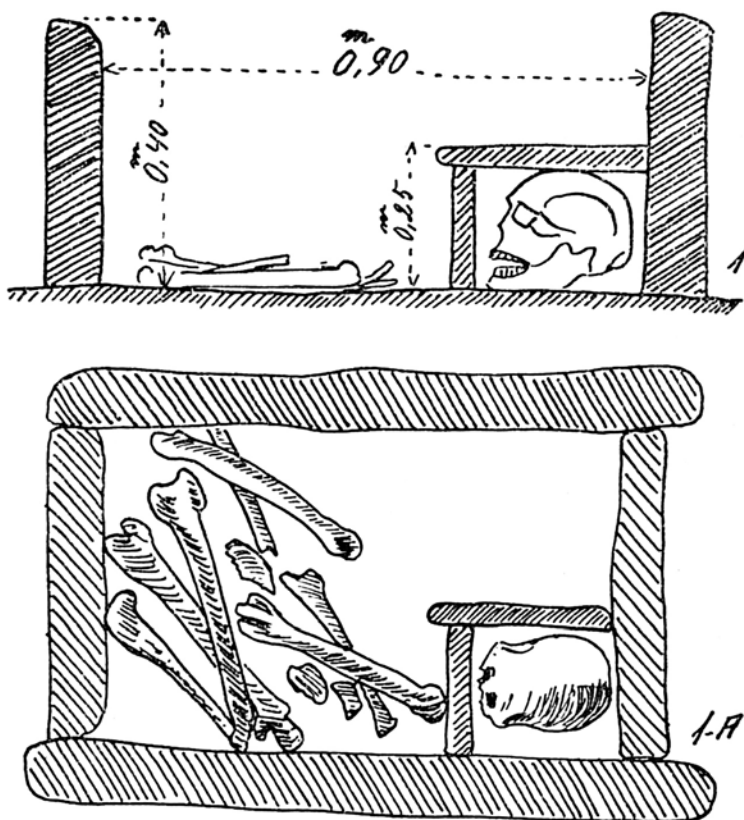


Fig. 10 – Cista da necrópole de Alcaria (Monchique) contendo ossos longos sem qualquer conexão anatómica, separados de crânio introduzido em “caixa” formada por pequenas lajes (segundo FORMOSINHO, FERREIRA & VIANA, 1953, Fig. 49).

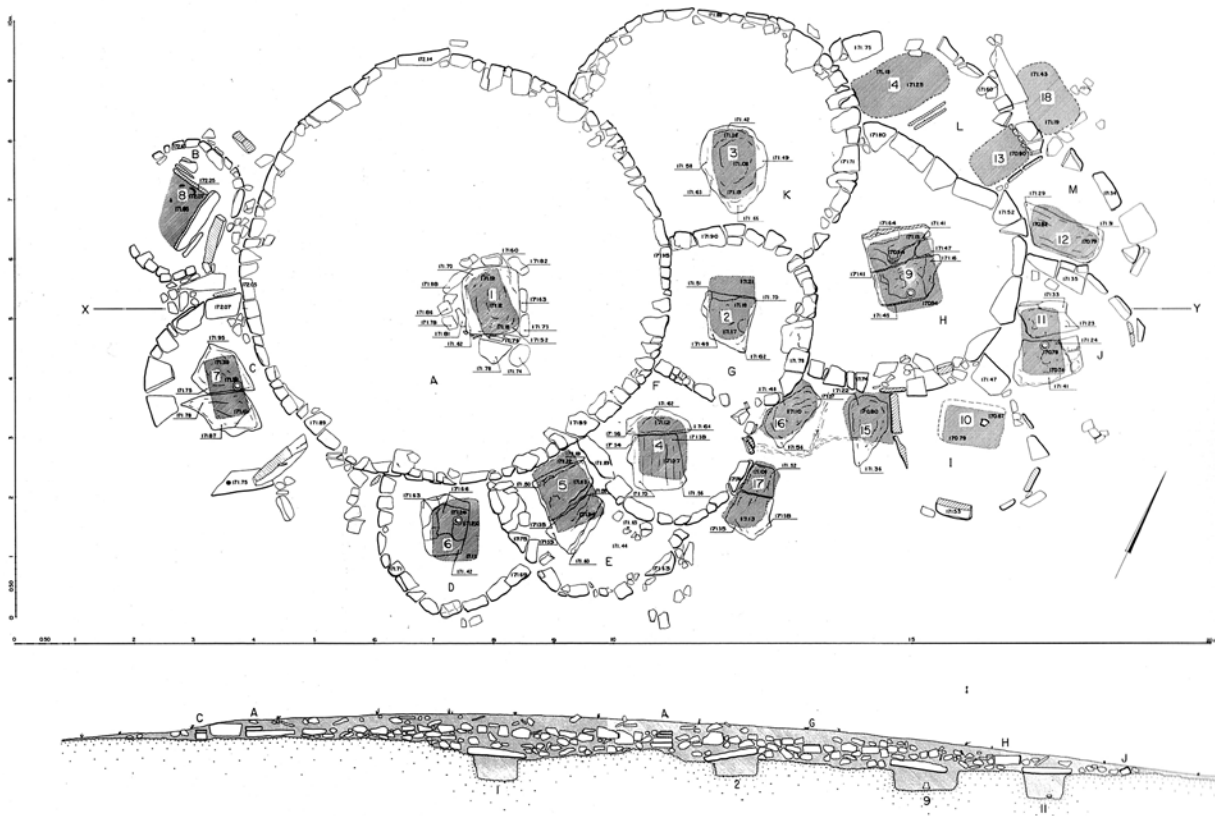


Fig. 11 – Atalaia. Planta do Monumento IV. Segundo Schubart, 1975, Beil. 7).

enquadramento das sepulturas propriamente ditas (Fig. 11), iria fornecer importantes bases para abordagens de carácter social.

Perante a não identificação de vestígios de povoado correspondente à necrópole de Atalaia, H. Schubart admite tratar-se de uma população semi-nómada dedicada à pastorícia. Sugere que a necrópole possa ter constituído o centro de agregação de uma população dispersa (SCHUBART, 1965, p. 88), que aí se reunia para depositar e/ou celebrar os seus mortos. O desempenho de tão relevante papel de coesão social bem justificaria o esforço construtivo investido neste cemitério, que ainda hoje, mau grado a intensa erosão a que tem estado submetido, não nos pode deixar de impressionar.

#### 4 – EMERGÊNCIA DO PARADIGMA “CULTURA DO BRONZE DO SUDOESTE”

Em 1965, Nunes Ribeiro publica o livro intitulado *O Bronze Meridional Português*, onde trata do Bronze pleno na área compreendida entre os rios Tejo e o Guadiana. Aí conclui que “[...] o povo que [durante esse período] viveu no sul de Portugal possuía uma cultura própria.” (RIBEIRO, 1965, p. 31). Sobre as relações com a cultura de El Argar afirma: “[...] seria esta Cultura Meridional Portuguesa influenciada pela Cultura Argárica? É possível que o fosse no início como a forma de inumação e a tendência carenada da cerâmica parecem indicar. Mas os povos do sul de Portugal foram muito além da Cultura Argárica, aperfeiçoando-a e ultrapassando-a, até constituírem uma entidade de nível cultural superior [...]”, afirmação alicerçada na atribuição das lápides com escrita do sudoeste ao designado Bronze Meridional Português (RIBEIRO, 1965, p. 31).

No mesmo ano, M. Tarradell, ao estabelecer os limites geográficos da cultura de El Argar, encara o “Bronze Português” como uma cultura independente (TARRADELL, 1965).

Ainda em 1965, H. Schubart, ao publicar os resultados das escavações na necrópole de Atalaia, chega a conclusões semelhantes às de Nunes Ribeiro: “*Pelos seus recipientes de carena e punhais rebitados, tal como pelas suas cistas e fossas com enterramento individual, Atalaia revela um parentesco estreito com a cultura de El Argar, que a acompanha pelo menos parcialmente, mesmo se El Argar parece começar mais cedo e Atalaia acabar mais tarde. O carácter cultural é de todas as maneiras muito diferente, tão diferente que Atalaia e o Sul de Portugal não podem ser considerados pertencentes ao terreno de El Argar.*” (SCHUBART, 1965, p. 86).

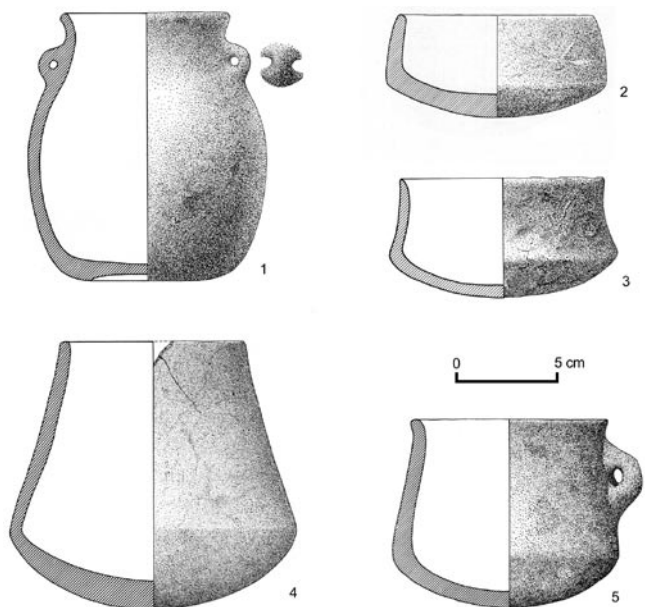
M. Almagro Basch, ao estudar as “*estelas decoradas*” do Sudoeste Peninsular, do Bronze pleno, sugere que a “cultura” que lhes corresponde “[...] *é sincrónica da de El Argar, pero diferente de ella.*” (ALMAGRO BASCH, 1966, p. 210). Contudo, relativamente à origem daquela “cultura”, parece aceitar uma migração inicial proveniente do Sudeste.

Schubart não só salienta o carácter independente da primeira, como nega qualquer migração de origem argárica, defendendo, sim, um processo de relações comerciais e culturais entre o Sudeste e o Sudoeste. Designa então este horizonte cultural por “Bronze do Sudoeste” (SCHUBART, 1974 a, p. 356) na falta de um sítio arqueológico suficientemente abrangente que pudesse dar o seu nome a essa realidade arqueológica: “[...] *tampoco hay ningún yacimiento que caracterice bien todas las facetas de esta cultura – ni siquiera Atalaia – para que le pudiera dar el nombre, como lo hace El Argar para el bronce del sudeste.*” (SCHUBART, 1974 a, p. 356). Por outro lado, uma vez que as respectivas evidências arqueológicas ultrapassam geograficamente o sul de Portugal (distritos de Faro e Beja, zona sul do distrito de Setúbal e sul do distrito de Évora), estendendo-se pela Andaluzia Ocidental (província de Huelva) e Extremadura (província de Badajoz), a designação proposta encontra plena justificação.

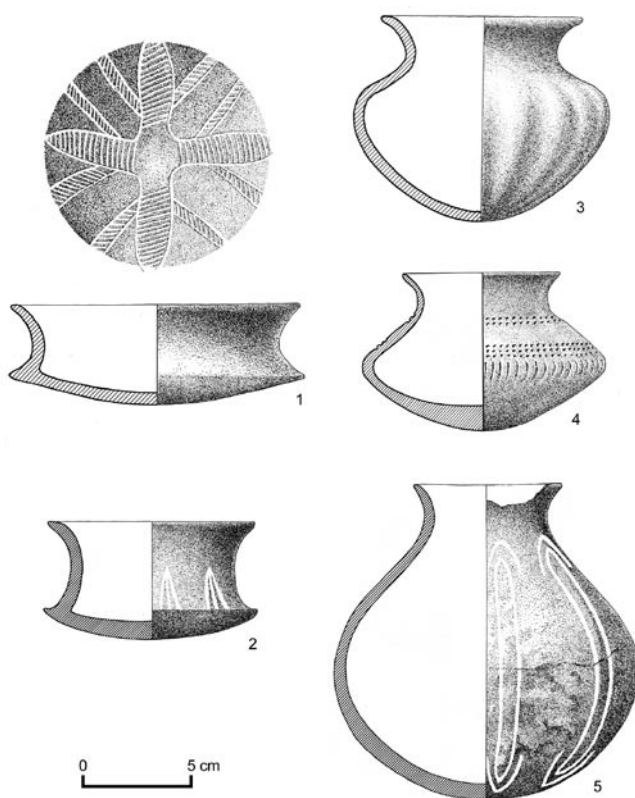
Na ausência de estratigrafias e de sequências de datas radiocarbónicas, contando somente com evidências de natureza sepulcral, H. Schubart, ao procurar estabelecer a sua periodização (SCHUBART, 1975, p. 164), considera a existência de um Horizonte de transição (H. de Ferradeira) entre a Idade do Cobre e o Bronze do Sudoeste, de 2000-1800 a 1500 a.C., parcialmente contemporâneo de El Argar A(D). O Bronze do Sudoeste (que corresponde ao que hoje designamos por Bronze médio ou pleno do Sudoeste) é dividido em duas subfases, com base na análise tipológica dos recipientes cerâmicos, artefactos metálicos e “*estelas alentejanas*”. H. Schubart tratou de forma seriada e construiu um quadro de presenças e ausências para os principais tipos de recipientes cerâmicos então registados (1974 b, Fig. 9; 1975, Fig. 27) (Figs. 12 a 14). O Bronze do Sudoeste I era caracterizado sobretudo pela presença de cerâmica lisa, nas formas da taça de tipo Atalaia, copo de carena baixa e corpo troncocónico, em alguns casos provido de pequena asa, e por recipientes piriformes; ter-se-ia iniciado em 1500 a.C., sucedendo-se ao Horizonte de Ferradeira e dando lugar ao Bronze do Sudoeste II em cerca de 1100 a.C.

O quadro tipológico do Bronze do Sudoeste II é muito distinto: “[...] *los vasos com nervios verticales, las botellas, los vasos de Odivelas, los cuencos de Santa Vitória, juntamente con las losas decoradas de tipo alentejano corresponden todos a la fase II del Bronce del sudoeste.*” (SCHUBART, 1974 a, p. 362).

O limite cronológico inferior da cultura do Bronze do Sudoeste (Fig. 16) é fixado pela instalação da colonização fenícia (1974 a, Fig. 13), em termos de subcontemporaneidade, que o autor resolve com a proposta de um patamar em 900 a.C. para a região de Huelva e um outro, mais tardio, em 700 a.C., para o Alentejo. O Bronze final, muito pouco conhecido à data da elaboração deste modelo de periodização, não foi individualizado, confundindo-se claramente com a fase II do Bronze do Sudoeste (onde são integradas



**Fig. 12** – Recipientes cerâmicos tipologicamente atribuídos por Schubart à Fase I do Bronze do Sudoeste, provenientes das necrópoles do Hospital (Alcácer do Sal), n.º 1; Atalaia (Ourique), n.ºs 2 e 3; Reguengos de Monsaraz, n.º 4; e Folha das Palmeiras (Mourão, n.º 5). A partir de Schubart, 1975.



**Fig. 13** – Recipientes cerâmicos tipologicamente atribuídos por Schubart à Fase II do Bronze do Sudoeste, provenientes das necrópoles de Santa Vitória (Beja), n.ºs 1 e 4; Odivelas (Beja), n.º 2; Mós (Beja), n.º 3; Cata (Beja), n.º 5. A partir de Schubart, 1975.

cerâmicas com decoração brunida), que na formulação de H. Schubart é coeva de um Bronze pós-argárico, referido às cistas de incineração de tipo Querénima (1975, Fig. 25).

Como já referimos anteriormente, a primeira tentativa do estabelecimento de uma periodização para o Bronze pleno do Sul de Portugal deve-se a Abel Viana quando, em 1959, diferencia cronologicamente as necrópoles de cistas de Monchique-Atalaia das de Santa Vitória, considerando as primeiras mais antigas e as segundas, da transição para a Idade do Ferro (VIANA, 1959, p. 36, nota 9).

Também M. Almagro (1966, p. 210-211) defende a existência de duas fases para o Bronze do sul de Portugal: a mais antiga não possuiria estelas e estaria representada pela necrópole de Atalaia cuja utilização poderia chegar a 1000 a.C.; a mais recente, com “*estelas alentejanas*” e necrópoles de tipo Santa Vitória, estaria compreendida entre 1000 a.C. e o século VIII a.C.

Na formulação proposta por H. Schubart para a génese da cultura do Bronze do Sudoeste há a conjugação de uma perspectiva evolucionista articulada com uma componente de interacção de carácter regional e supra-regional referida à bacia do Mediterrâneo. Assim, por um lado, a realidade arqueológica percebida na necrópole de Atalaia estaria na tradição dos enterramentos colectivos do Neolítico e Calcolítico como foi sugerido pelo facto das sepulturas, embora individuais, se organizarem em grupos bem definidos; estas observações levaram H. Schubart a concluir: “*Así, pues, al lado de formas nuevas están también*













												
Baralha (21)												
Alcaria do Pocinho (55)												
Atalaia (59)												
Monte do Outeiro (81)												
Folha da Amendoeira (91)												
Hospital (106)												
Reguengos (112)												
Folha das Palmeiras (113)												
Monte da Ribeira (114)												
Becerrero (123a)												
Castañuelo (125)												
Poio (24)												
Vidigal (27)												
Montinho (84)												
Bensafrim (7)												
Medarra (71)												
Cata (76)												
Môs (85)												
Santa Vitória (87)												
Odivelas (92)												
Farrobo (93a)												
Perdi (109)												

Fig. 14 – Distribuição de tipos de recipientes cerâmicos pelas Fases I e II do Bronze do Sudoeste. Segundo Schubart, 1974 b, Fig. 9.

*antigas tradiciones vivas. Juntas ambas forman el panorama cultural del Bronce en el suroeste de la Península Ibérica.*” (SCHUBART, 1974 a, p. 370). Por outro lado, o mesmo autor assinala indícios de influências exógenas pré-coloniais, nomeadamente no que concerne aos “*vasos com nervuras*”, que poderiam ter sido inspirados em modelos metálicos da Etrúria, e às “*garrafas*” decoradas por sulcos arqueados, com paralelos nas garrafas de prata do tesouro de Vilhena (SCHUBART, 1974 b).

A economia destas populações, continuando a seguir H. Schubart, assentaria sobretudo na agricultura e na criação de gado (não obstante se desconhecerem à época os locais de habitação). Tratar-se-ia de populações semi-nómadas, mas que encontrariam na exploração de recursos mineiros uma outra base da sua economia, possibilitada pela riqueza em jazidas de cobre do Sudoeste.

No que se refere à organização social, partindo somente das evidências de natureza funerária, H. Schubart salienta, por um lado, o carácter individual das sepulturas e, por outro, a existência de sepulturas ricas e pobres, o que reflecte a diferenciação social; relativamente ao Bronze do Sudoeste I, H. Schubart atende especialmente à organização espacial e arquitectónica da necrópole de Atalaia, onde “[...] *en los túmulos centrales y en los más grandes sin duda fueron enterradas importantes personalidades o jefes de tribu [...]*”, aspecto que é reforçado “[...] *por los ajuares de las tumbas centrales en relación con las otras.*” (SCHUBART, 1974 a, p. 369); ao considerar o Bronze do Sudoeste II, socorre-se das “*estelas alentejanas*” como indicadores de diferenciação social: “[...] *todas las tumbas en las que se encuentra una losa con la representación de un armamento completo se pueden atribuir a un guerrero con toda seguridad, posiblemente a un jefe de tribu o a un antecesor de los ‘reguli’, como se conocen en la época siguiente del Hierro en el sur de la Península Ibérica.*” (SCHUBART, 1974 a, p. 370).

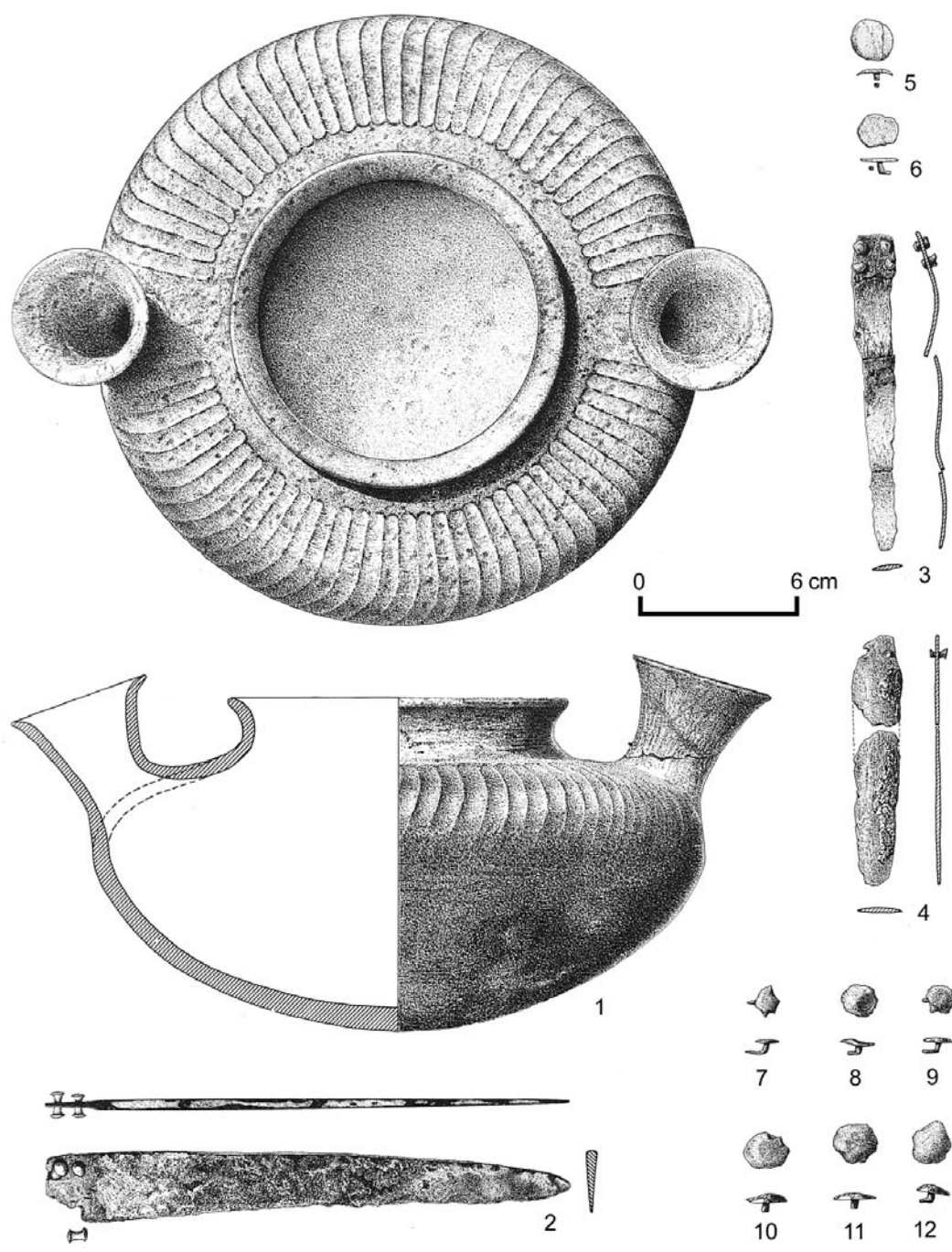


Fig. 15 – Espólio da sepultura de Belmeque (Serpa). Segundo Schubart, 1975, Tafel 59.

A publicação de *Die Kultur der Bronzezeit im Südwesten der Iberischen Halbinsel*, em 1975, funda e desenvolve o conceito de Cultura do Bronze do Sudoeste; fá-lo a partir da reunião da informação sobre essa “cultura” obtida pelos investigadores que o precederam, e à qual acrescenta os resultados da escavação na necrópole de Atalaia. Esta obra representa, sem dúvida, um salto qualitativo no desenvolvimento do conhecimento para a Idade do Bronze no Sudoeste.

## 5 – VOLTAR AO CAMPO COM NOVAS PERSPECTIVAS

Nos últimos quarenta anos, novas contribuições se foram acumulando, criando anomalias diversas ao resistente modelo teórico atrás referido. Para o lento mas inexorável processo da sua desconstrução, contribuíram o enorme crescimento da base empírica e o seu reordenamento, bem como novas perspectivas teóricas de inquérito às realidades arqueológicas. As nossas preocupações não respeitam agora à periodização, que supostamente está desenhada nos seus traços gerais. Em 1995, muito embora com notória escassez de datações radiométricas, tinha-se atingido algum consenso em relação à cronologia da Idade do Bronze no Sudoeste ibérico (GOMES, 1995; PARREIRA, 1995; SOARES & SILVA, 1995, 1998), com uma fase antiga entre 2200-2100 e 1800 a.C., uma fase média de 1800 a 1200 a.C. e uma fase tardia de 1200 a 800-700 a.C. Recentemente, com base em um extenso registo de dados cronológicos tratados estatisticamente (MATALOTO, MARTINS & SOARES, 2013), foi proposto para a fase média, que aqui nos interessa, o intervalo de 2070-1930 BC a 1170-1050 BC. A cronologia e a periodização das Fase I e II do Bronze do Sudoeste propostas por H. Schubart estão ausentes deste estudo. Esta subdivisão do Bronze médio tem sido, aliás, objecto de críticas e revisões (BARCELÓ, 1991; CARDOSO, 2002; PARREIRA, 1995; SOARES, 1993 e 2000). Porém, alguns autores (SOARES & SILVA, 2016) continuam a encontrar virtudes na subdivisão do Bronze médio do Sudoeste em duas fases, cujos limites cronológicos deverão continuar a ser procurados.

Aspectos que se prendem com os rituais e arquitecturas funerárias, povoados, redes de povoamento, actividades agro-pecuárias, metalurgia e estruturas ideológicas sofreram importantes avanços que permitem novas abordagens de carácter económico, social e político ao território do Sudoeste ibérico durante o Bronze médio, e que sumariamente aqui se enunciam:

1) Escavação em extensão das necrópoles, revelando na costa sudoeste um padrão arquitectónico e ritual com forte implantação. Necrópoles polinucleadas, arquitectonicamente hierarquizadas, revelando diferenciação intra-social, expressa na posição das sepulturas no núcleo sepulcral e nas dimensões dos respectivos recintos tumulares, bem como no espólio que acompanhava as inumações. Mostram um padrão arquitectónico comum: monumentos funerários próximos, estruturados por recintos tumulares confinantes de planta rectangular (limitados por fiadas de pequenos esteios de contenção do *tumulus*) no interior dos quais se encontrava a sepultura. Na sua proximidade imediata, localizavam-se os povoados, abertos, de cabanas construídas em materiais perecíveis. No Alentejo Litoral, este tipo de necrópole foi identificado na Provença (SANTOS, SOARES & SILVA, 1974 e 1975; SILVA & SOARES, 1981), Pessegueiro (SILVA & SOARES, 1979, 1981 e 2009), e Quitéria (SILVA & SOARES, 1981), e no Algarve ocidental, observou-se em Alfarrobeira (GOMES, 1994), Corte Cabreira e Vale da Telha (GOMES, 2015).

Contrastando com este padrão arquitectónico, surgem necrópoles de cistas onde estão ausentes vestígios de recintos tumulares (AMO, 1975; CARDOSO & GRADIM, 2011; GOMES et al., 1986; SOARES, 2000), ausência que, por agora, desconhecemos se corresponde ao plano original das necrópoles ou se resultou de fenómenos erosivos.

2) Em La Traviesa (Serra Morena), 28 das 29 sepulturas (de tipo cista) identificadas, sem recintos tumulares, dispunham-se em semicírculo em torno de um sepulcro que além de apresentar dimensões excepcionais e ocupar o local de cota mais elevada, era o único provido de uma potente estrutura tumular (sep. 5), o que levou o seu escavador a supor que nele havia sido inumado um indivíduo de destacada importância social, proposta igualmente sustentada pelo espólio funerário, constituído por dois recipientes cerâmicos e uma alabarda em bronze (GARCÍA SANJUAN, ed., 1998, p. 124). Situação análoga, observou-se na necrópole do Talho do Chaparrinho (Serpa), em uma cista protegida por *cairn* com 8m de diâmetro (SOARES, 1993).



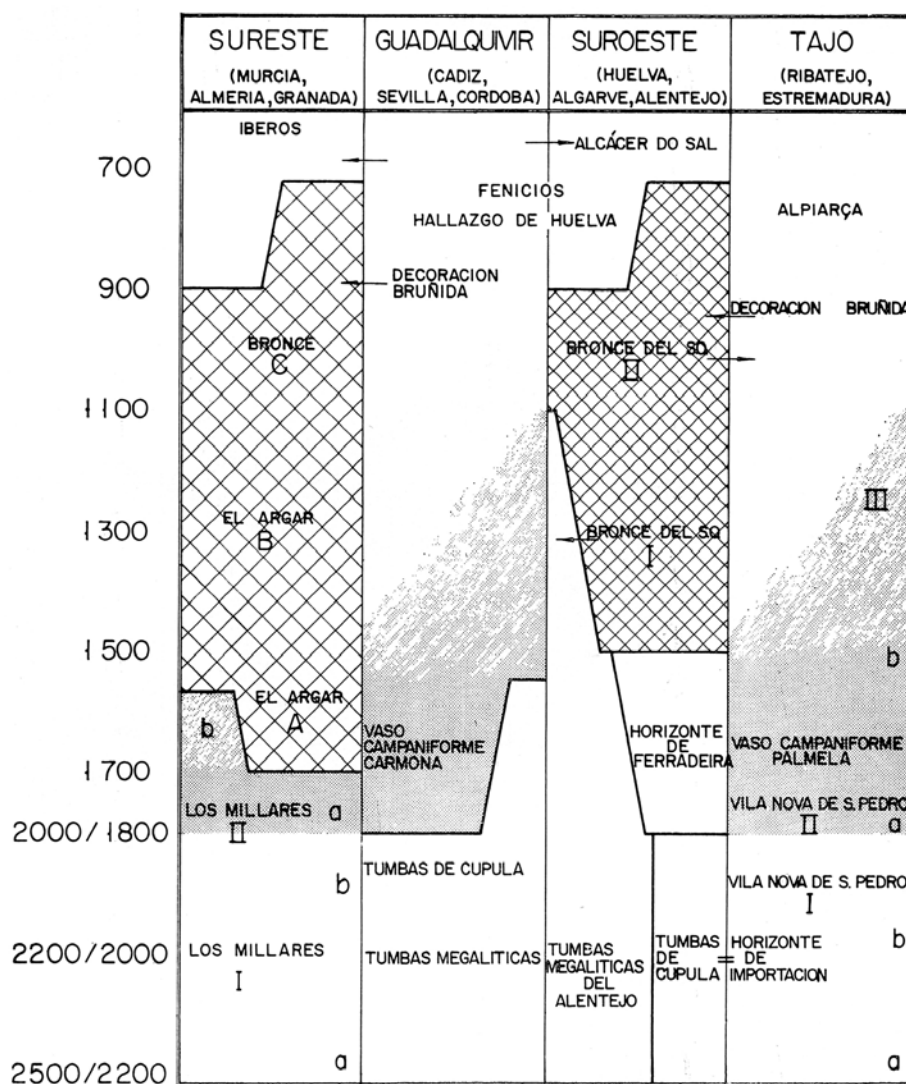


Fig. 16 – Quadro cronológico proposto por Schubart (1974 a, Fig. 13).

3) A necrópole de Las Minitas (Badajoz), também desprovida de recintos tumulares, graças à conservação do espólio bio-antropológico permitiu acrescentar informação relevante sobre o ritual funerário e organização social, muito embora estas deduções devam ser lidas como tendenciais: perfil demográfico de uma população civil sedentária, muito provavelmente organizada em famílias nucleares, com prática de monogamia; tanto os homens como as mulheres foram sujeitos a marchas prolongadas; nem todos os inumados eram acompanhados de espólio; a diferenciação de género foi observada; os recipientes cerâmicos de colo estrangulado, decorados por nervuras, imitando protótipos metálicos, associavam-se a varões, adultos e senis e os punções de cobre, a mulheres (PAVÓN SOLDEVILA, 2008).

4) Na região de Beja-Serpa descobriram-se e escavaram-se numerosos hipogeus, tipologia que até 1975 apenas era conhecida no caso de Belmeque (Fig. 15). O exemplo mais paradigmático desta arquitectura sepulcral em negativo é o da Torre Velha 3, com 25 monumentos identificados (ALVES *et al.*, 2010).

5) No domínio do ritual funerário, as práticas de comensalidade, que haviam sido apenas notadas em Belmeque, foram colocadas em evidência, muito particularmente no caso dos hipogeus de Torre Velha 3 (PORFÍRIO & SERRA, 2016).

6) Os povoados, desconhecidos na época em que H. Schubart elaborou o seu modelo, começaram, por fim, a ser descobertos quer em áreas abertas e aplanadas, como os da costa sudoeste, do Pessegueiro, Provença, Quitéria (SILVA & SOARES, 1979 e 1981), Corte Cabreira e Vale da Telha (GOMES, 2015), quer em locais de altura, estrategicamente situados e possuindo estruturas pétreas de grande envergadura, como Castillo de Alange (PAVÓN & DUQUE ESPINO, 2014) ou Trastejón (GARCÍA SANJUAN, ed., 1998).

7) O estudo da paleometalurgia desenvolveu-se consideravelmente e de modo sistemático graças sobretudo aos trabalhos levados a efeito pela equipa do Campus Tecnológico e Nuclear do Instituto Superior Técnico (VALÉRIO *et al.*, 2014). À metalurgia da prata, uma das inovações da tecnologia metalúrgica do Bronze Médio, particularmente reservada aos contextos funerários (HUNT ORTIZ, 2003), e às ligas de cobre arsenical, juntaram-se os primeiros artefactos em bronze com elevado conteúdo de estanho (c. 10wt%), provenientes de sepulturas da região de Serpa (VALÉRIO *et al.*, 2014). Datas radiocarbónicas associadas aos artefactos em bronze de Torre Velha 3 permitem balizar a divulgação dessa liga na região entre cerca de 1700 e 1400 cal BC. Na Andaluzia Ocidental, a metalurgia do bronze parece ser praticamente síncrona da de El Argar, em 1800 cal BC (ARANDA, 2015, p. 131). Na necrópole de Carmona, um punção em bronze binário foi datado no intervalo de 1878 a 1663 cal BC a  $2\sigma$  (BELÉN *et al.*, 2015, p. 173). As datas obtidas para a divulgação do bronze não podem ser generalizadas para todo o Sudoeste. No entanto, o ritmo de circulação da nova liga metálica deve ter sido rápido e a sua distribuição, geograficamente desigual.

8) As chamadas “estelas alentejanas” têm sido objecto de reanálise. Mário Varela Gomes, além de proceder ao estudo crono-estilístico da iconografia nelas identificada, põe em causa a sua utilização como tampas de sepulturas e defende que teriam sido utilizadas como estelas; baseia-se, entre outras evidências, no facto de ter encontrado, quando da escavação da necrópole de Alfarrobeira (Silves), um desses monólitos insculturados erguido junto do topo de uma das sepulturas (GOMES, 2006, p. 53). O artefacto mais emblemático desta nova organização social pode ser interpretado como expressão de nova estrutura de poder político com evidente componente coerciva.

A distribuição geográfica das estelas de tipo alentejano dá-nos conta de um núcleo de grande densidade, localizado na região de Beja (Santa Vitória), facto que associado à superior qualidade da cultura material recuperada nas necrópoles aponta para a provável existência um centro de poder regional, superiormente diferenciado.

## 6 – QUE MODELOS DE ORGANIZAÇÃO SOCIAL?

H. Schubart havia defendido para o Bronze do Sudoeste uma diferenciação social cujos registos se confinavam, por um lado, à existência de espólios funerários ricos e pobres, à presença ou ausência de “estelas alentejanas” e à organização interna dos monumentos da Atalaia onde era patente um sistema claramente hierarquizado. Os autores que o procederam defenderam, de um modo geral, este modelo de forma mais desenvolvida, acentuando o aumento da diferenciação e hierarquização sociais e a concentração de poder (GARCÍA SANJUAN ed., 1998 e 1999; GOMES, 1994, 2006 e 2015; PAVÓN, 2002-2003 e 2008; ODRIOZOLA *et al.*, 2016; PAVÓN & DUQUE ESPINO, 2014; SOARES & SILVA, 1995, 1998, 2016; SILVA & SOARES, 2009).

O seu aprofundamento foi possibilitado pela identificação e escavação dos primeiros povoados de altura, onde se destaca o Cerro del Castillo de Alange, “*monte-isla*” de amplo domínio visual, rodeado por férteis campos de cultivo irrigados por importantes cursos de água e servido por via natural de comunicação entre o Guadiana e o Guadalquivir. A sua altitude e condições naturais de defesa integram-no em uma estratégia de povoamento fortemente hierarquizada, estruturada através de lugares centrais e de poder. De acordo com os resultados dos estudos paleobotânicos e arqueozoológicos, a economia do Bronze Médio de Alange seria basicamente agro-pecuária, com uma agricultura essencialmente cerealífera e uma pecuária assente na criação de ovinos, caprinos, bovinos e suínos; o boi poderia ter sido utilizado como força de tracção (carro e arado). A reforçar o carácter agrícola, foi escavado um grande edifício (com mais de 19,5 × 6 m), empreendimento de carácter público interpretado como celeiro, presumivelmente “*centralizado e permanente*” (PAVÓN SOLDEVILA & DUQUE ESPINO, 2014).

Em 1999 é publicada a obra *Los Orígenes de la Estratificación Social*, por Leonardo García Sanjuan onde se propõe, para o Bronze do Sudoeste, com base em exaustivo registo empírico procedente essencialmente de jazidas da Serra Morena Ocidental, um padrão de organização social caracterizado pela dissolução dos princípios de solidariedade das sociedades hierarquizadas, mas de raiz comunalista, com aumento da desigualdade, tornando possível a transição para a estratificação social, sem que a mesma tenha então ocorrido (GARCÍA SANJUAN, 1999, p. 267).

Os autores (SOARES & SILVA, 2016) têm defendido para o Bronze médio do Sudoeste Peninsular, recorrendo às vantagens explicativas da teoria dos sistemas mundiais (KRISTIANSEN, 1991), um modelo de organização social do tipo *chefaturas complexas polinucleares* ou *descentralizadas*,<sup>2</sup> integradas na periferia do estado de El Argar, o qual teria condicionado/estagnado fortemente o desenvolvimento do domínio territorial do Sudoeste durante a Fase I do Bronze médio, através de sistema de relações de tipo centro-periferia muito desfavoráveis a este território, podendo mesmo implicar disruptivas acções de destruição das suas forças produtivas (pilhagens de força de trabalho, colheitas e gado por bandos armados).

“*Com o declínio e colapso do estado argárico, ocorridos por volta de 1400 cal BC [...], durante o Bronze médio II do Sudoeste (1600-1500 – 1200 cal BC) podem ter emergido [...] chefaturas proto-estatais.*” (SOARES & SILVA, 2016, p. 373). A região de Beja, onde se localizam as mais importantes manchas de solos agrícolas do sul do actual território português, elevada densidade de estelas de tipo alentejano, uma cultura material funerária de grande qualidade, rica em metais, designadamente armas de cobre arsenical e bronze, oferece condições para nela se ter localizado um centro de poder (Grupo de Santa Vitória), cujo território se estenderia do Guadiana ao Atlântico. Durante o Bronze médio II, multiplicam-se as evidências de interações transmediterrâneas na cultura material das sociedades do Sudoeste da Península ibérica. Esta integração no mundo mediterrâneo irá, no Bronze Final, adquirir extraordinário dinamismo (VILAÇA, 2011-2012), com a expansão das redes comerciais mediterrâneas até à fachada atlântica europeia.

---

<sup>2</sup> O recurso ao conceito da antropologia cultural neo-evolucionista de chefatura (SERVICE, 1962) tão criticado por alguns pós-processualistas, em nosso entender, pelo seu carácter multiforme associado a poder instável e reversível no sentido seminal do termo, continua a deter virtualidades operativas quando aplicado às sociedades europeias paleo-metalúrgicas pré-estatais. O seu uso aqui não implica qualquer crença na unidirecionalidade e no progressismo social e político e muito menos na colagem mimética de realidades arqueológicas a sociedades actuais / subactuais etnograficamente registadas. O propósito dos movimentos pós-processualistas de que reconhecemos o mérito de questionar e relativizar muitas certezas processualistas, talvez não seja politicamente ingénuo quando tenta desacreditar as potencialidades de questionamento e compreensão dos mecanismos de mudança e de desigualdade social no tempo longo e na geografia alargada oferecidas pela investigação arqueológica, face à microescala da singularidade a que se dedica.

Reflectindo sobre a velha advertência de Gordon Childe (1951) para a falsa oposição entre evolução e difusão e tendo também presente a “[...] *recurrent tension in reviewing Iberian Prehistory in the last three millennia BC between interconnection and isolation*” (SCARRE, 2013), as dinâmicas de desenvolvimento interno das comunidades do Bronze médio do sudoeste ibérico e os sistemas de interação negativa e/ou positiva que foram estabelecendo com os vizinhos próximos ou interlocutores longínquos constituem um promissor campo de investigação, mormente no que aos lugares de habitação concerne, onde quase tudo está por fazer. É preciso voltar ao campo com novas perspectivas e interrogações.

## REFERÊNCIAS

- AA. VV. (1986) – *Homenaje a Luis Siret (1934-1984)*. Consejería de Cultura de la Junta de Andalucía.
- ALMAGRO BASCH, M. (1966) – *Las estelas decoradas del Suroeste Peninsular*. Madrid: Instituto Español de Prehistoria (CSIC).
- ALVES, C.; COSTEIRA, C.; ESTRELA, S.; PORFÍRIO, E.; SERRA, M.; SOARES, A. M. M. & MORENO-GARCÍA, M. (2010) – Hipogeos funerarios del Bronce Pleno en Torre Velha 3 (Serpa, Portugal). *Zephyrus*. Salamanca. 66, p. 133-153.
- ARANDA JÍMENEZ, G. (2015) – Resistencia y involución social en las comunidades de la Edad del Bronce del Sureste en la Península Ibérica. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 72: 1, p. 126-144.
- BARCELÓ, J. A. (1991) – El Bronce del Sudoeste y la cronología de las estelas alentejanas. *Arqueologia*. Porto. 21, p. 15-24.
- BELÉN DEAMOS, M.; ROMÁN RODRIGUEZ, J. M. & VÁZQUEZ PAZ, J. (2015) – *Ad Aeternum*. Enterramiento de la Edad del Bronce en Carmona (Sevilla). *ARPI*. Alcalá de Henares, 3 (extra), p. 164-179.
- BOSCH-GIMPERA, P. (1932) – *Etnología de la Península Ibérica*. Barcelona: Alpha.
- CARDOSO, J. L. (2001-2002) – Correspondência anotada de Abel Viana a O. da Veiga Ferreira. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 10, p. 415-608.
- CARDOSO, J. L. (2002) – *Pré-História de Portugal*. Lisboa: Editorial Verbo.
- CARDOSO, J. L. (2008) – Correspondência seleccionada enviada a O. da Veiga Ferreira: cinquenta anos de actividade arqueológica (1946-1995). *Homenagem a Octávio da Veiga Ferreira*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, p. 383-408 (*Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 16).
- CARDOSO, J. L. & GRADIM, A. (2011) – *Dez anos de trabalhos arqueológicos em Alcoutim. Do Neolítico ao Romano*. Alcoutim: Câmara Municipal de Alcoutim.
- CHILDE, V. G. (1951) – *Social evolution*. Londres: Watts & Co..
- DEL AMO Y DE LA HERA, M. (1975) – Enterramientos en cista de la provincia de Huelva. *Huelva. Prehistoria y Antigüedad*. Madrid: Editora Nacional, p. 109-182.
- FORMOSINHO, J.; FERREIRA, O. V. & VIANA, A. (1953) – *Estudos arqueológicos nas Caldas de Monchique*. Porto: Imprensa Portuguesa / Instituto de Alta Cultura.
- GARCÍA SANJUÁN, L. (coord.) (1998) – *La Traviesa: ritual funerario y jerarquización social en una comunidad de la Edad del Bronce de Sierra Morena Occidental*. Sevilla: Departamento de Prehistoria y Arqueología (Universidad de Sevilla).

- GARCÍA SANJUÁN, L. (1999) – *Los orígenes de la estratificación social : patrones de desigualdad en la Edad del Bronce del suroeste de la Península Ibérica: (Sierra Morena Occidental c. 1700-1100 a.n.e. / 2100-1300 a.n.e.)*. Oxford: Archaeopress (BAR International Series 823).
- GOMES, M. V. (1994) – A necrópole da Alfarrobeira (S. Bartolomeu de Messines) e a Idade do Bronze no concelho de Silves. *XELB: Revista de Arqueologia, Arte, Etnologia e História*. Silves. 2.
- GOMES, M. V. (1995) – A Idade do Bronze no Algarve. In JORGE, Susana Oliveira, (ed.) – *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos do Poder*. Lisboa: Instituto Português de Museus / Museu Nacional de Arqueologia, p. 131-134.
- GOMES, M. V. (2006) – Estelas funerárias da Idade do Bronze Médio do Sudoeste Peninsular. A iconografia do poder. *Actas do VIII Congresso Internacional de Estelas Funerárias (O Arqueólogo Português, Suplemento 3)*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 47-62.
- GOMES, M. V. (2015) – *The Vale da Telha Necropolis (Aljezur) in the Context of the Southwest Iberian Bronze Age*. Lisboa: Instituto de Arqueologia e Paleociências da Universidade Nova de Lisboa.
- GOMES, M. V.; GOMES, R. V.a; BEIRÃO, C. M.o; MATOS, J. L.; CUNHA, A. S.; SILVA, C. T.; GIL, F. B.; GUERRA, M. F. & BARREIRA, G. (1986) – *A necrópole da Vinha do Casão (Vilamoura, Algarve) no contexto da Idade do Bronze do Sudoeste Peninsular*. Lisboa: Instituto Português do Património Cultural.
- HELENO, M. (1933) – Tampas sepulcrais insculturadas da época do bronze. *O Archeologo Português*. Lisboa. 29, p. 186-189.
- HUNT ORTIZ, M. (2003) – *Prehistoric Mining and Metallurgy in Southwest Iberian Peninsula*. Oxford: Archaeopress. (BAR International Series 1188).
- KRISTIANSEN, K. (1991) – Chiefdoms, states and systems of social evolution. In EARL, T. (ed.) – *Chiefdoms, Power, Economy and Ideology*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 16-43.
- MATALOTO, R.; MARTINS, J. M. M. & SOARES, A. M. M. (2013) – Cronologia absoluta para o Bronze do Sudoeste. Periodização, base de dados, tratamento estatístico. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 20, p. 303-338.
- ODRIOZOLA, C.s; SOARES, J.; TAVARES DA SILVA, C. & FONSECA, P. (2016) – Iberian Southwest Middle Bronze Age. Reading social complexity in greenstone beads from the cist necropolis of Sine s. In SOARES, J. (ed.) – *Social Complexity in a Long Term Perspective (Setúbal Arqueológica, 16)*. Setúbal: MAEDS / AMRS, p. 131-152.
- PAÇO, A.; RIBEIRO, F. N. & FRANCO, G. L. (1965) – Subsídios para o estudo da cultura argárica no Alentejo. *Arquivo de Beja*. Beja, 22, p. 149-156.
- PARREIRA, R. (1995) – Aspectos da Idade do Bronze no Alentejo interior. In JORGE, S. O. (ed.) – *A Idade do Bronze em Portugal: discursos de poder*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 136-139.
- PAVÓN SOLDEVILA, I. (2002-2003) – Muerte em Los Barros: aproximación a la dinámica demográfica, ritual y social de una necrópolis de cistas en la Baja Extremadura. *Estudios Pré-históricos*. Viseu: Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta. 10-11, p. 119-144.
- PAVÓN SOLDEVILA, I. (2008) – El mundo funerario de la Edad del Bronce en la Tierra de Barros: una aproximación desde la Bioarqueología de Las Minitas. *Memorias de Arqueología Extremeña, 9*. Mérida: Consejería de Cultura / Junta de Extremadura.
- PAVÓN SOLDEVILA, I. & DUQUE ESPINO, D. M. (2014) – 40 años de Bronce del Suroeste: aportaciones desde su periferia extremeña. *Revista de Estudios Extremeños*. 70 (1), p. 35-66.

- PORFÍRIO, E. & SERRA, M. (2016) – Bronze age funerary commensality in the southwest of the Iberian Peninsula. A perspective from Torre Velha 3 and other hipogea sites found in the portuguese left bank of the Guadiana River. In VILAÇA, R. & SERRA, M. (eds.) – *Matar a fome, alimentar a alma, criar sociabilidades. Alimentação e comensalidades nas sociedades pré e proto-históricas*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da FLUC, p. 55-73.
- RIBEIRO, F. N. (1965) – *O Bronze Meridional Português*. Beja: Junta Distrital de Beja.
- ROCHA, A. S. (1897) – *Memórias sobre a Antiguidade*. Figueira da Foz: Imprensa Lusitana.
- ROCHA, A. S. (1904) – Materiais para o estudo da época do cobre em Portugal. As necrópoles algarvias da Baralha e do Serro de Bartolomeu Dias. *Boletim da Sociedade Archeologica Santos Rocha*. Figueira da Foz. 1, p. 59-63.
- SANTOS, M. F.; SOARES, J. & SILVA, C. T. (1974) – Necrópole da Provença (Sines). *Arqueologia e História*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. 5, p. 69-102.
- SANTOS, M. F.; SOARES, J. & SILVA, C. T. (1975) – A Necrópole da Idade do Bronze da Provença (Sines). Notícia preliminar. *Actas del XIII Congreso Nacional de Arqueología*. Zaragoza. p. 417-432.
- SCARRE, C. (2013) – Social stratification and the State in Prehistoric Europe. The Wider perspective. In CRUZ BERROCAL, M.; GARCÍA SANJUAN, L. & GILMAN A. (eds.) – *The Prehistory of Iberia: Debating Early Social Stratification and the State*. New York / Londres: Routledge. p. 381-405.
- SCHUBART, H. (1965) – Atalaia. Uma necrópole do Baixo Alentejo. *Arquivo de Beja*. Beja. 22, p.7-136.
- SCHUBART, H. (1974 a) – La cultura del Bronce en el sudoeste peninsular. Distribución y definición. *Miscelánea Arqueológica*. Barcelona: Instituto de Prehistoria y Arqueología. 2, p. 345-370.
- SCHUBART, H. (1974 b) – Novos achados sepulcrais do Bronze do Sudoeste II. *Actas das II Jornadas Arqueológicas*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. 2, p. 65-95.
- SCHUBART, H. (1975) – *Die Kultur der Bronzezeit im Sudwesten der Iberischen Halbinsel*. Berlin: Walter de Gruyter & Co.
- SCHUBART, H. (2008) – Octavio da Veiga Ferreira. *Homenagem a Octávio da Veiga Ferreira*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, p. 143-146 (*Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 16).
- SERVICE, E. R. (1962) – *Primitive Social Organization: An Evolutionary Perspective*. New York: Random House.
- SILVA, C. T. & SOARES, J. (1979) – O Monumento I da necrópole do “Bronze do Sudoeste” do Pessegueiro (Sines). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal: MAEDS. 5, p. 123-157.
- SILVA, C. T. & SOARES, J. (1981) – *Pré-história da Área de Sines. Trabalhos arqueológicos de 1972-77*. Lisboa: Gabinete da Área de Sines.
- SILVA, C. T. & SOARES, J. (2009) – Práticas funerárias no Bronze Pleno do Litoral Alentejano. O Monumento II do Pessegueiro. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 17, p. 389-420.
- SIRET, L. (1913) – *Questions de chronologie et d`ethnographie ibériques*. I. *De la fin du Quaternaire à la fin du Bronze*. Paris: P. Geuthner.
- SIRET, E. & SIRET, L. (1888) – *Les Ppremiers âges du métal dans le Sud-est de l`Espagne*. Anvers.
- SOARES, A. M. (1993) – O Bronze do Sudoeste na margem esquerda do Guadiana. As necrópoles do concelho de Serpa. *Actas das V Jornadas Arqueológicas*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 179-197.
- SOARES, A. M. (2000) – Necrópole do Bronze do Sudoeste dos Bugalhos (Serpa). *Vipasca*. Aljustrel. 9, p. 47-52.
- SOARES, J. & SILVA, C. T. (1995) – O Alentejo Litoral no contexto da Idade do Bronze do Sudoeste Peninsular. In JORGE, S. O. (ed.) – *A Idade do Bronze em Portugal: Discursos de Poder*. Lisboa: Instituto Português de Museus, p. 136-139.

- SOARES, J. & SILVA, C. T. (1998) – From the collapse of the chalcolithic mode of production to the development of the Bronze Age societies in the south-west of Iberian peninsula. In JORGE, S. O. (ed.) – *Existe uma Idade do Bronze Atlântico?* (Trabalhos de Arqueologia, 10). Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 231-245.
- SOARES, J. & SILVA, C. T. (2016) – Bronze Médio do Sudoeste. Indicadores de complexidade social. In SOUSA, A. C.; CARVALHO, A. & VIEGAS, C. (eds.) – *Terra e Água. Escolher sementes, invocar a Deusa. Estudos em Homenagem a Victor S. Gonçalves. Estudos e Memórias*. Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 9, p. 359-384.
- TARRADELL, M. (1965) – El problema de las diversas áreas culturales de la Península Ibérica en la Edad del Bronce. In RIPOLL, E. (ed.) – *Miscelánea en Homenaje al Abate Henri Breuil (1877-1961)*. Barcelona, 2, p. 423-430.
- VALÉRIO, P.; SOARES, A. M. M.; ARAÚJO, M. F.; SILVA, R. J. C.; PORFÍRIO, E. & SERRA, M. (2014) – Arsenical copper and bronze in Middle Bronze Age burial sites of Southwestern Iberia. *Journal of Archaeological Science*. 42 (1), p. 68-80.
- VASCONCELLOS, J. L. (1897) – *Religiões da Lusitânia*. Lisboa: Imprensa Nacional. 1.
- VASCONCELLOS, J. L. (1906) – Estudos sobre a época do bronze em Portugal. *O Archeologo Portugues*. Lisboa. 11, p. 179-189.
- VASCONCELLOS, J. L. (1908) – Estudos sobre a época do bronze em Portugal. V. *O Archeologo Portugues*. Lisboa. 13, p. 300-313.
- VEIGA, S. P. M. E. (1891) – *Antiguidades monumentais do Algarve. Tempos prehistoricos*. Lisboa: Imprensa Nacional. 4.
- VIANA, A. (1959) – Necrópole pré-histórica da Atalaia, Aldeia de Palheiros (Ourique). *Conímbriga*. Coimbra. 1, p. 83-96.
- VIANA, A. & RIBEIRO, F. N. (1956) – Necrópoles argáricas de Santa Vitória. *Arquivo de Beja*. Beja. 13, p. 153-167.
- VILAÇA, R. (2011-2012) – Late Bronze Age: Mediterranean impacts in the Western end of the Iberian Peninsula (Actions and Reactions). In AUBET, M. E. & SUREDA, P. (coord.) – *Interacción Social y Comercio en la Antesala del Colonialismo* (Cuadernos de Arqueología Mediterránea, 21). Barcelona: Laboratorio de Arqueología de la Universidad Pompeu Fabra, p. 13-41.